



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2024.1.44466>

SEÇÃO: TEMAS DE MARIOLOGIA

Escapulário do Carmo: um clássico histórico, suas resistências e esperanças

Carmo Scapular: a historical classic, its resistances and hopes

Carmen Escapulario: un clásico histórico, sus resistencias y esperanzas

Renê Augusto Vilela da Silva¹

orcid.org/0000-0003-4271-7301
vilelaaugusto@yahoo.com.br

Recebido em: 02 mar. 2023.

Aprovado em: 06 maio. 2024.

Publicado em: 09 jul. 2024.

Resumo: O presente texto buscará apresentar o Escapulário do Carmo, entendido como um clássico religioso e que é enquadrado numa perspectiva histórica. Buscar-se-á realizar uma hermenêutica crítica, uma releitura desse sinal religioso retirando seus excessos e apresentando-o como um elemento histórico e, por isso, passível de uma releitura. O Escapulário do Carmo, um sacramental, ganhou grande destaque na devoção popular, e nessa perspectiva, se manteve como um sinal de fé. Os clássicos são capazes de transcender gerações e estruturas, se mantendo como uma referência de conteúdo, de moral e de organização social. O Escapulário se torna um sinal de formação cristã, mas também apresenta um histórico sobre o desenvolvimento social. A pesquisa bibliográfica compreende a devoção e sua história e, junto com os teólogos, percebe-se a maneira de compreender a fé e a relação com o transcendente. O texto apresenta o Escapulário como referência religiosa e social.

Palavras-chave: Escapulário do Carmo; hermenêutica crítica; clássicos; sociedade.

Abstract: This text will seek to present the Scapular of Carmo understood as a religious classic and which is framed in a historical perspective. An attempt will be made to carry out a critical hermeneutic, a rereading of this religious sign, removing its excesses and presenting it as a historical element and therefore subject to a rereading. The Carmo Scapular, a sacramental, gained great prominence in popular devotion and in this perspective remained as a sign of faith. The classics are capable of passing generations and structures, remaining as a reference of content, morals and social organization. The Scapular becomes a sign of Christian formation, but it also presents a background on social development. The bibliographical research understands the devotion and its history and, together with the theologians, it is perceived the way of understanding the faith and the relationship with the transcendent. The text presents the Scapular as a religious and social reference.

Keywords: Scapular of Carmo; critical hermeneutics; classics; society.

Resumen: Este texto buscará presentar el Escapulario Carmen entendido como un clásico religioso y que se enmarca en una perspectiva histórica. Buscaremos realizar una hermenéutica crítica, una relectura de este signo religioso, quitando sus excesos y presentándolo como un elemento histórico y por tanto sujeto a relectura. El Escapulario del Carmelo, sacramental, ganó gran protagonismo en la devoción popular y desde esta perspectiva siguió siendo un signo de fe. Los clásicos son capaces de abarcar generaciones y estructuras, siendo un referente de contenidos, moralidad y organización social. El Escapulario se convierte en un signo de formación cristiana, pero también presenta una historia de desarrollo social. La investigación bibliográfica comprende la devoción y su historia y, junto con los teólogos, comprendemos cómo entender la fe y la relación con lo transcendente. El texto presenta el Escapulario como referente religioso y social.

Palabras clave: Carmen Escapulario; hermenéutica crítica; clásicos; sociedad.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

Introdução

Compreendendo o Escapulário do Carmo como um clássico religioso, devemos lhe dar seu *status* de histórico, visto que, por muitos anos, apresentou-se apenas sua perspectiva enquanto um sinal religioso. Busca-se, neste artigo, um estudo sobre a historicidade do Escapulário do Carmo e suas transformações enquanto sinal, visto que, apesar de a sua mensagem originária ter sido mantida, é possível propor uma releitura de seu significado.

O estudo busca analisar este sacramental da Igreja Católica, o repensando no atual período de incertezas em paralelo a um cristianismo que busca responder às demandas da vida contemporânea. Com auxílio da hermenêutica, busca-se entender as resistências e as esperanças desse clássico, principalmente pensando as rupturas culturais e as suspeitas que ocorrem com o transcorrer da história.

Panorama sobre o Escapulário: um sinal que ultrapassa séculos

A Ordem do Carmo tem sua história intimamente ligada ao Monte Carmelo² e à figura de Elias, que tem *lahweh* (1 Rs 18,20-40). Tratando-se de um grupo religioso de vínculo institucional, os carmelitas surgiram no período dos cruzados. Tendo um modo de vida contemplativo, pediram a aprovação de uma Regra de Vida, que foi concedida pelo patriarca de Jerusalém Santo Alberto, entre 1206 e 1214 (Saggi, 2008). Com o tempo, foi necessário que houvesse outras mudanças na estrutura de vida dos carmelitas, o que fez com que eles se enquadrassem no estilo de vida que surgia na Europa, onde surgiram as ordens mendicantes (século XIII); além disso, também foram criados, nos últimos séculos, outros institutos religiosos carmelitas de vida apostólica e comunidades de vida.

No progredir histórico, durante o período feudal, Maria tornou-se, para os carmelitas, a Senhora do Lugar, isto é, os consagrados estavam sob os olhares daquela que indica o caminho até Cristo. Maria tornou-se "modelo, sobretudo, daquele culto que consiste em fazer da própria vida uma oferenda a Deus" (*Marialis Cultis* n. 21); por ela, todos servem ao Evangelho, buscando a própria santificação.

Escapulário do Carmo como um sinal material e espiritual

O Escapulário, enquanto parte da veste dos carmelitas, é uma faixa que perpassa a frente e as costas da pessoa, e exercia a função de um avental ou proteção da roupa principal. Somente depois, historicamente, esta veste ganhou sentido espiritual e protetivo com os filhos do Carmelo³.

Em seu sentido espiritual, o Escapulário é "uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e remete a outra realidade ausente ou não presente de igual modo" (Sartore; Triacca, 1992, p. 1143), isto é, algo material que faz referência a uma proteção transcendental. Esse sinal⁴ iniciou como uma experiência carmelita, tornando-se representação de filiação à Ordem do Carmo; porém, com o tempo, passou a ser usado por diferentes pessoas, mesmo que não integradas aos carmelitas.

São inúmeras as histórias e os relatos em consonância com a aparição e com os benefícios do Escapulário. A esse respeito, destacamos três relatos de Nossa Senhora trazendo ou apresentando o Escapulário:

1) São Simão Stock em 16 de julho de 1251, na Inglaterra, quando a Ordem do Carmo passava por dificuldades e por perseguições quanto à confirmação de sua existência enquanto Instituição. O então superior geral, Stock, em oração

² Carmelo é uma montanha situada no norte da Palestina, parte da cordilheira do Líbano, e domina a vasta baía de S.J. D'Acre, no Mediterrâneo. Fica a dez quilômetros de Jerusalém, entre a Galileia e a Samaria. Carmelo significa "Vinha de Deus", "Jardim florido" (Cicconetti, 2008).

³ A etimologia do vocábulo Escapulário deriva da palavra latina *scapularis* que, por sua vez, deriva de *scapulae* (ombros). Materialmente, trata-se de um pedaço de tecido, de cor carmelito, preto ou castanho, com uma abertura para passar a cabeça (Grosso, 2008).

⁴ "Sinal e símbolo diferenciam-se, no sentido de que o sinal é monossêmico e o símbolo, polissêmico. O sinal aponta para um único significado, seja natural, seja convencional [...]. O símbolo admite muitos significados. Este sofre verdadeira hermenêutica por parte do intérprete, recorrendo-se ao máximo de indícios possíveis para entender-lhe bem o sentido" (Libanio, 1992, p. 237).

e em súplicas a Maria pediu amparo e proteção para a Ordem⁵.

2) Este sinal de proteção recebeu mais um aporte com a visão do papa João XXII que relatou a aparição de Nossa Senhora em 1314. As mensagens de Nossa Senhora ditas ao Sumo Pontífice foram expressas na *Bulla Sabbatina*⁶ expedida em 3/2/1322.

3) Entre os últimos relatos de aparições de Nossa Senhora, temos a aparição de Fátima, Portugal (1917). Na última aparição em Fátima, Nossa Senhora veio revestida pelo Escapulário e trazendo nas mãos *naipes* (figura do Escapulário), trazendo o pedido de intensa oração por parte dos cristãos na busca de conversão e de paz. O que marca as aparições de Fátima, é que são resgatados dois sinais dados no passado em momentos de tormenta: o Rosário e o Escapulário. Novamente são apresentados aos cristãos pedindo que rezem nos momentos difíceis (Lynch, 1957).

Quando discorremos sobre as aparições, percebemos que ocorreram em contextos difíceis e, por consequência, é comum o conselho de permanecer em estado de oração. Podemos intelectualizar essas situações e vemos que, na realidade, trata-se de atos de fé, nos quais, seja a aparição, seja a mensagem e seja a consequência histórica, o que temos são apreensões da realidade de que, por meio da oração, se chega à organização de ideias que auxiliam na resolução de problemas e, em consequência, por fé à oração, se torna a manutenção de um projeto ou modelo de vida.

Após a proliferação do Escapulário, essa difusão não foi acompanhada de uma catequese.

Vê-se que foi propagada uma crença ingênua do uso do Escapulário como veste que traz a salvação e o livramento do Purgatório, deixando falha a instrução de que não se trata apenas de um amuleto, ou filiação à Nossa Senhora, visto que o Escapulário do Carmo não é apenas um aparato ou um enfeite, mas também traz em si uma mensagem por meio de uma linguagem⁷; ele relembra o propósito batismal de nos revestirmos de Cristo e é sinal de confiança no auxílio de Maria, Mãe de Deus, nos propósitos do Evangelho.

Escapulário do Carmo: suas transformações no decorrer dos anos

Ao falarmos sobre o Escapulário do Carmo, entendemos que ele pertence à história da Ordem do Carmo, que se tornou um sacramental da Igreja. Para que possamos aprofundar esse sinal, devemos passá-lo no crivo de uma hermenêutica crítica, para atualizar sua mensagem no mundo contemporâneo. Nisso, buscamos delinear traços históricos e simbólicos desse sinal e inseri-lo em uma proposta que seja de diálogo, visto que este sinal confessional não se esgota em um fechamento religioso, mas transborda seu significado ao ganhar sentido como uma identidade.

Conforme sabemos, "a fé cristã não é obra puramente humana, nem produto da história. Mas, por sua vez, não há fé que não se situe em um contexto sociocultural e não tome corpo em uma história" (Rubens, 2012, p. 225). Por isso, é tarefa da teologia buscar interpretar a fé diante do mundo atual, responder os problemas e desafios atuais e, ao mesmo tempo, confrontar as mais diversas propostas. Entendendo o Escapulário como um clássico religioso carmelita, vemos

⁵ "Meu filho muito querido, recebe este Escapulário de sua Ordem, como sinal peculiar de minha fraternidade, como privilégio para ti e para todos os Carmelitas; quem morrer vestido com ele, não padecerá do fogo eterno. Eis um sinal de salvação, de assistência nos perigos, eis uma aliança de paz e de eterna amizade" (Costa, 1950, p. 22).

⁶ O conteúdo da *Bulla Sabbatina* pode ser dividido em três partes: a primeira parte diz respeito à visão de Maria, mostrando Jesus Cristo como fundamento da vida cristã. A segunda parte trata da visão histórica apresentando a vitória do sumo pontífice sobre seus adversários Luiz da Baviera e do antipapa Nicolau V. Na terceira parte, há a confirmação da Ordem do Carmo e das condições para o privilégio sabatino, que é ter uma vida de oração, mortificação e casta. O privilégio do Escapulário do Carmo consiste no resgate do fiel que morrer revestido do Escapulário, o que ocorre no primeiro sábado após seu óbito Nossa Senhora o retira do fogo do Purgatório e o conduz ao céu. O privilégio sabatino ganhou destaque entre os cristãos e se rezava no Santo Ofício de 20/01/1613, sendo algo direcionado aos agregados de confrarias do Escapulário, e indicava que se deveria trazê-lo como devoção, recitar o ofício diário de Nossa Senhora, observar jejuns e abstinências na quarta e sábado, entre outras orações prescritas pela Igreja (Ricart, 1957).

⁷ O homem se compreende por meio da comunicação, que ocorre pela linguagem unindo o Eu e o Mundo. Gadamer nos mostra que a linguagem oferece oportunidade de compreender e interpretar o indescritível, visto que podemos dar sentido e significado ao objeto/coisa mesmo que esse permaneça em seu estado silencioso, que é o estado originário (Forte, 1995).

que seu significado depende da interpretação.

Devemos interpretar o próprio processo de compreensão desse sinal, que é histórico, até mesmo o colocando sob suspeita para, de fato, levar a uma reflexão da Realidade Última (Tracy, 1997). Em se tratando do Escapulário, é preciso levar em conta a hermenêutica que nos possibilita reconhecer a interpretação entendida como mediação entre passado e presente, na busca por resgatar seus significados (Tracy, 2006), aceitando, assim, uma finitude e historicidade, visto que um clássico revela uma expressão pública e não se fecha em algo particular, trazendo a compreensão passada para o presente e aprofundando sua história.

Quando se trata de um clássico, devemos reconhecer seus excessos de sentido, o que demanda uma interpretação, como esta que ocorreu em um tempo com seres finitos, mas feita constantemente por leitores que se deixam provocar (Tracy, 2006), buscando compreender a realidade, descobrindo novas afinidades e sensibilidades para o dia a dia.

O Escapulário do Carmo é a expressão do comprometimento com a realidade vivencial de cada local e tempo, por isso, o mesmo sinal passou por diferentes gerações e por várias transformações, mas se firmou como um instrumental dos que se comprometem com a realização do Reino de Deus, com a paz, com a justiça e com o amor. Não se trata de um objeto abstrato, mas de um distintivo de inserção da proposta evangélica na sociedade, que representa uma experiência do humano que se deixa conduzir por Deus.

Entender o Escapulário como sinal dado para união

Ao tomarmos a revelação divina realizada em Cristo, entendemos que é algo inteligível

e que, por meio das experiências humanas, se torna expressa em sinais e em símbolos. Considerando que Deus se faz presente na existência individual ou de um grupo, seu desvelamento ou sua manifestação ocorre por meio da utilização da linguagem e do sinal como forma de adesão ao seu projeto⁸.

Sabemos que as manifestações divinas precisam ser clareadas, pois não pertencem apenas a uma subjetividade humana, mas se tornam sinal ou mesmo patrimônio de um grupo, visto que "Deus está realmente presente em todos os seres humanos; estes, em sua experiência religiosa, captam sua presença como revelação ativa e salvadora" (Queirunga, 2010, p. 170). Desde Abraão, profetas, apóstolos, até chegar aos crentes em Cristo (Hb 11,1-40), a comunicação de Deus com o homem é um convite para abrir-se a uma vida nova, um êxodo que leva a um futuro inesperado⁹. Por isso, a fé é elemento-chave para dar uma resposta, e é sempre memória, não presa ao passado, mas que confia na promessa e na esperança para o futuro (*Lumen Fidei*, n. 9).

Tendo a ideia de que somos todos irmãos na humanidade, podemos dizer que a revelação do projeto de Reino de Amor e de um projeto salvífico nos foi apresentado, pois:

Todo o ser humano, tanto o individual quanto o coletivo, se torna assim meio da revelação [...]. "A história do mundo é a base da história da revelação, e na história da revelação a história do mundo revela seu mistério" (Queirunga, 2010, p. 95).

O que vemos é que na história nos foi e será apresentada a proposta de Deus e de Seu Reino. É na vivência concreta que as pessoas decifram o sentido da história da salvação e ao mesmo tempo participam da construção do Reino de Amor¹⁰. Trata-se de uma participação ativa e

⁸ "De fato, desde sempre e em toda parte os seres humanos acreditaram que Deus se manifesta a nós. Assim o comprovam as religiões, os mitos e os ritos da humanidade, que pressupõe sempre uma comunicação real entre Deus e o homem" (Queirunga, 2010, p. 170).

⁹ Podemos perceber que, da mesma forma, na fé do povo de Israel sobressaiu a figura de Moisés, o mediador, aquele que fala com Javé na montanha e transmite a mensagem do Senhor. Cria-se, a partir de Moisés, uma comunidade, na qual a mediação não se torna um obstáculo, mas uma possibilidade de abertura e encontro com os outros, na qual todos se abrem para uma verdade maior do que nós (*Lumen Fidei*, n. 14).

¹⁰ Devemos compreender que: "o Vaticano II inaugurou uma nova era em teologia na medida em que, frente a um eclesiocentrismo estreito, expressou oficialmente um juízo positivo sobre as religiões não-cristãs, reconhecendo que elas podem ser portadoras de valores de salvação" (Geffré, 2005, p. 324).

consciente, na qual:

Deus revela-se a si e a seu desígnio salvífico sob a forma de eventos históricos, os quais uma palavra se refere, desvelando-lhes e explicando-lhes o sentido. [...] O conhecimento se faz acontecimento, e o acontecimento é traduzido em palavras" (Libanio, 2000, p. 339).

Por falar em eventos e por meio de palavras, podemos, nesse instante, falar do Escapulário, tomando-o enquanto sinal que leva a uma proposta de vida e de construção do Reino de Amor.

A tarefa da teologia é partir da nova experiência histórica da Igreja, reinterpretar, mostrando a pluralidade dos caminhos que levam a Deus e à vontade universal de salvação. Nesse sentido, a história universal se junta à história da procura, por parte do homem, do Absoluto que nós chamamos Deus, e à procura, por parte do homem, de Deus. A tarefa de uma teologia das religiões é, portanto, a de procurar pensar a multiplicidade dos caminhos em direção a Deus (Geffré, 2005). Nesse contexto, o Escapulário do Carmo pode ser compreendido como uma possibilidade de encontro com Deus.

Ao dizermos que a linguagem diz algo em relação a um evento e também a um testemunho, vemos que "nosso conhecimento é sempre interpretativo, pois não temos acesso direto à verdade" (Geffré, 2004, p. 94), e isso não se resume apenas à interpretação da Palavra, mas também às realidades de fé que não devem receber uma interpretação fundamentalista, com definições inadequadas, pois tanto a Palavra como os clássicos devem estar abertos a outras interpretações (Tracy, 1997).

Símbolos como expressão de seguimento de um projeto

"As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser" (Eliade, 1991, p. 8-9). Devemos entender que "o símbolo nasce e se desenvolve através do contato do homem com o ambiente [...] natural e cultural" (Fiores; Goffi, 1989, p. 1068). Os símbolos trazem

uma lógica que pode ser traduzida, mesmo se tratando de experiências transcendentais, pois transformam essas realidades em racionais e a humanidade passa a compreender o sentido, uma vez que o homem histórico tem, já inata, a capacidade de construir, para si, símbolos que se tornam comunicação com o sagrado; tais símbolos são capazes de marcar a experiência da presença de Deus (Fiores; Goffi, 1989).

Os sinais, ao serem expressos materialmente, são usados pelos humanos para se comunicar com Deus; na realidade, vão ao encontro de um despojamento das coisas materiais e mesmo de ligações sentimentais do mundo material para ir ao encontro do Absoluto. É um sentir limitado e frágil, mas que possui um desejo de entrar em comunhão com o transcendente. Em união a esse amor que ultrapassa os sentidos palpáveis, algo de divino passa a transformar o cotidiano e a vontade de quem se entrega a Deus (Bingemer, 1998).

Por isso, a teologia deve compreender o Escapulário como uma manifestação da fé cristã, servindo-se de representações culturais, não caindo em proselitismo e fundamentalismo religiosos, mas procurando dialogar com os novos paradigmas numa busca por falar com e de Deus, na qual a hermenêutica teológica conduz a uma ação, um convite à reinterpretação.

As demandas do cotidiano e a experiência de fé

Devemos tomar o uso do Escapulário do Carmo dentro de sua extrapolação dos limites de uma instituição, visto que ele se tornou um objeto devocional e uma forma de expressar o projeto de Deus. O Escapulário, por ser fruto histórico e posterior à revelação plena que é Cristo, constitui um modo a mais de compreender a relação com a divindade. Deus não deseja que o humano viva em um mundo egoísta, propõe uma sociedade humana e fraterna, na qual todo indivíduo faz parte da criação. O humano, ao compreender o sentido de Deus, passa a ter a experiência de consciência, integrando todo o ser, intelecto, vontade, afetividade; isso significa conhecer a

realidade humana e comprometer-se com a criação (Flores; Goffi, 1989).

Ao nos depararmos com o mundo contemporâneo, vemos diferentes perspectivas e maneiras de expressar a fé, visto que a mensagem nos é ofertada como um fato histórico realizado por um Deus Trindade que se autocomunica, contendo, de um lado, o ser humano em relação à mensagem – aspecto ontológico – e, de outro, o aspecto histórico-existencial que ocorre através das mediações de captação e vivência (Libanio, 1992).

Da hermenêutica bíblica, vemos que a revelação não se resume em uma comunicação vinda do alto e de um saber fixado, mas representa a ação de Deus na história e na experiência de fé da humanidade. Essa comunicação se transforma e se expressa em interpretação viva no dia a dia (Geffré, 1989). Nessa mesma perspectiva de interpretação, devemos inserir o Escapulário procurando responder, ou mesmo orientar os crentes, sobre como lidar com a fé no período de incertezas em paralelo ao cristianismo, que busca responder as demandas da vida contemporânea.

Na cultura da globalização, vemos que sujeitos se aproximam por empatia e por ideais, crescendo a concepção de indivíduos e de subjetividades, surgindo uma tensão entre o global e o local (Hall, 2006). Em meio ao mundo globalizado e com uma diversidade religiosa, muitos procuram uma nova criação, uma identidade através da qual se possa ir de encontro com o outro, e não criar antagonismo (Sanchis, 1995); o que não significa um relaxamento na fé e no seguimento da Igreja, mas uma ampliação da visão da fé, uma busca de uma identidade religiosa que faz ir além da cognitividade, mas integra o indivíduo no social (Thompson, 1998).

Por essa razão, as experiências passam a ser princípio de identidade, valor e referência (Libanio, 2000), nas quais, por meio de testemunhos, o transcendente se faz presente e atuante na humanidade, moldando a sociedade e a história

(Miranda, 2013). O Escapulário do Carmo, com o passar dos séculos, permanece como sinal de identidade cristã, passando a ser um distintivo de proteção e também de uma identidade. Para o mundo atual, esse símbolo apresenta-se como uma forma de comunicar e consagrar a Deus. A experiência da relação se dá na perspectiva de duas pessoas ou dois objetos, não somente aquele que tem alguma experiência transcendental se transforma, modificando seu espaço e os convivas, conseguindo recriar situações e objetos. Cada objeto, possuindo uma linguagem intrínseca, traz um referencial para a realidade em que está inserido, abrindo possibilidades de compreensão do significado das coisas e situações¹¹.

"O Escapulário é um símbolo claramente relacional" (O'Donnell, 2000, p. 108), o que pode ajudar no contexto da atualidade, em que a humanidade está em busca de algo, e o sagrado está nesse ritmo de mudanças; mesmo mantendo seus valores, emergem paradoxos (Queiroz, 1996) na procura de um diálogo que sirva como busca de um ética global que ajude a todos quanto à generosidade, numa nova atitude de tolerância e liberdade (Geffré, 2005).

Sabe-se que não há conhecimento teológico da verdade da fé sem participação ativa na verdade mesma de Deus. Por mais que a linguagem teológica seja especulativa, ela depende do testemunho. A linguagem teológica terá sempre um alcance prático, pois testemunha uma verdade que não cessa de advir ao coração do mundo, trazendo novas perspectivas para a Igreja e a sociedade (Geffré, 1989).

Conclusão

O uso do Escapulário deve ser visto, no mundo contemporâneo, como um modo de transformação de paradigmas; e, para isso, não podemos tomar a manifestação divina como uma ortodoxia, mas como ortopráxia (Queirunga, 2010). Sabe-se

¹¹ No pensamento de Gadamer, vemos que a linguagem e a existência formam o ser, nas quais, pela comunicação, descobre-se a identificação. Por meio da linguagem, é possível apresentar o mundo e, em consequência, os significados do ser e mesmo o que está além de nossa compreensão; não é um puro nada, mas algo que, pela ação humana, pode ser revelado, mesmo que se mantendo no silêncio originário (Forte, 1995).

que o Escapulário passou por transformações enquanto objeto de consagração, tornando-se um sacramental da Igreja, e que esse sinal traz o sentido batismal em função do Evangelho, no qual os fiéis contam com o auxílio de Nossa Senhora.

O Escapulário extrapolou seu sentido de pertença à Ordem do Carmo e tornou-se expressão de um revestir-se de Cristo, mas deve, ainda, ser incorporado como um sinal de diálogo; por isso, deve ser interpretado sempre por um sujeito social. Interpretar os clássicos e o Escapulário é algo público, realizado mediante uma esperança, o que inclui expor seus limites, colocar sob suspeita suas pretensões e denunciar as injustiças (Tracy, 2006).

Contudo, esses símbolos e sinais expressam uma relação com Deus que sempre é renovada pelas gerações, sempre construindo seu sentido teológico e conscientizando os fiéis quanto à pertença e ao compromisso com a mensagem de Deus. Ao entender o Escapulário como um clássico, permitimos, ao mesmo tempo, que ele seja reinterpretado diante das diferentes realidades, e que possa cumprir seu papel de comunicar a relação entre o humano e o divino.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- BINGEMER, Maria Clara L. A Sedução do Sagrado. In: CALIMAN, Cleto. *A Sedução do Sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 79-115.
- CICCONETTI, Carlo. Monte Carmelo: luogo e simbolo. In: BOAGA, Emanuele; BORRIELLO, Luigi (org.). *Dizionario carmelitano*. Roma: Città Nuova, 2008. p. 611-616.
- COSTA, Inácio Maria Ferreira. *A Virgem do Carmo e o escapulário*. Recife: [s.n.], 1950.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullio (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FORTE, Bruno. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.
- FRANCISCO. *Lumen Fidei*: carta encíclica aos bispos, aos presbíteros, aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GEFFRÉ, Claude. Para uma nova teologia das religiões. In: GIBELLINI, Rosino. *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida: Santuário, 2005. p. 311-338.
- GROSSO, Giovanni. Scapolare del Carmine. In: BOAGA, Emanuele; BORRIELLO, Luigi (org.). *Dizionario carmelitano*. Roma: Città Nuova, 2008. p. 1312-1319.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Paulus, 1992.
- LYNCH, Kyliano. *Nossa Senhora de Fátima e o Escapulário do Carmo*. Lisboa: Edições Carmelitanas, 1957.
- MIRANDA, Mario de França. *A igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- O'DONNELL, Christopher. *Uma presença amorosa: Maria e o Carmelo: um estudo da herança Mariana na Ordem*. Melbourne: Comunicações Carmelitanas, 2000.
- QUEIROZ, José J. As Religiões e o Sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. In: QUEIROZ, José J. et al. *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'Água; CRE PUC-SP, 1996. p. 9-22.
- QUEIRUNGA, Andrés Torres. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- RICART, José. *O Carmelo: o Escapulário do Carmo perante o purgatório e o inferno*. Coimbra: Seminário Missionário Carmelitano, 1957.
- RUBENS, Pedro. A teologia fundamental como hermenêutica da esperança. In: GASDA, Elio (org.). *Sobre a Palavra de Deus*. Hermenêutica bíblica e teologia fundamental. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 222-240.
- SAGGI, Ludovico. Storia del Carmelo. In: BOAGA, Emanuele; BORRIELLO, Luigi (org.). *Dizionario carmelitano*. Roma: Città Nuova, 2008. p. 845-853.
- SANCHIS, Pierre. O Campo Religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1955): o debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 81-131.
- SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- THOMPSON, Edward P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRACY, David. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

TRACY, David. *Pluralidad y ambigüedad: hermeneutica, religión, esperanza*. Madrid: Trotta, 1997.

Renê Augusto Vilela da Silva

Mestre e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Endereço para correspondência

RENÊ AUGUSTO VILELA DA SILVA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Departamento de Teologia

Rua João Ramalho, 466

Perdizes, 05008-001

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.